Deixe-me Ficar, Simplesmente

O mais difícil é compartilhar a vida quando nada de extraordinário acontece



Laura Bellini

Deixe-me Ficar, Simplesmente

O mais difícil é compartilhar a vida quando nada de extraordinário acontece

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903841

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 5
Capítulo 1 - Condições que eu não havia previsto 13
Capítulo 2 - Um Lugar à Mesa..... 25
Capítulo 3 - O Que Não Estava nos Planos 38
Capítulo 4 - Uma Noite Sem Roteiro..... 50
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não 67
Capítulo 6 - O Primeiro Beijo 80
Capítulo 7 - Entre o Que É Nosso e o Que os Outros Veem..... 94
Capítulo 8 - Onde Ninguém Precisa Representar um Papel.....106
Capítulo 9 - O Preço de Correr Riscos Juntos 118
Capítulo 10 - Sem Espaço para Fugir 130
Capítulo 11 - Coisas que Precisamos Pedir.....145
Capítulo 12 - A História que Eu Não Tinha o Direito de Contar 155
Capítulo 13 - Tudo Aquilo que Não Pode Ser Mostrado.....168
Capítulo 14 - Aquilo que Temos Medo de Nomear.....179
Capítulo 15 - Quando o Amor Se Torna Parte do Planejamento 190
Capítulo 16 - O Silêncio que Não Pode Ser Planejado..... 203
Capítulo 17 - O Que Resta Depois do Silêncio 215
Capítulo 18 - Um Lugar que Não Precisa Ser Justificado 226

Capítulo 19 - Ficar Sem Prometer Perfeição 238
Capítulo 20 - Deixe-me Ficar, Simplesmente..... 249

INTRO

A primeira coisa que vi ao entrar no centro cultural foi um aviso colado na porta do auditório. Alguém havia escrito com um marcador preto e grosso: "POR FAVOR, NÃO ARRASTEM AS CADEIRAS. O PISO NÃO VAI AGUENTAR".

Fiquei parada diante do aviso, com uma pasta debaixo do braço, o celular junto ao ouvido e um plano que, apenas uma hora antes, me parecera perfeito.

— É claro que vamos conseguir terminar a tempo — eu disse ao telefone. — Seis semanas são mais do que suficientes. Só preciso da confirmação do financiamento e do contrato assinado com a empresa responsável pela obra.

Do outro lado da linha, fez-se silêncio. Eu conhecia bem aquele tipo de silêncio. Geralmente significava que alguém estava prestes a dizer alguma coisa desagradável e procurava uma maneira de não assumir a responsabilidade pelo que viria a seguir.

— Nadia, lembre-se de que o dinheiro é para o evento, não para uma reforma completa — disse finalmente Marta, minha coordenadora na fundação.

— Não estou planejando uma reforma completa.

Olhei para a rachadura que atravessava a parede, desde o parapeito da janela até o rodapé que começava a se soltar.

— Seria mais uma revitalização.

— Com você, uma revitalização sempre acaba virando uma gala.

— Porque as pessoas merecem mais do que cadeiras de plástico e uma garrafa térmica de chá.

— Às vezes, as pessoas só querem tomar um chá.

Sorri, embora ela não pudesse me ver.

— Por isso vai ter chá. Servido em porcelana.

Desliguei antes que ela tivesse tempo de protestar. Eu tinha trinta e sete anos, doze anos de experiência na produção de eventos culturais e uma tendência perigosa a interpretar qualquer limitação como um convite à negociação. Graças a isso, já havia conseguido organizar um concerto em um celeiro sem aquecimento, convencer uma atriz famosa a se apresentar sem cobrar cachê e transformar uma praça abandonada em um lugar sobre o qual metade da região comentou durante uma semana inteira.

O que eu não conseguia fazer era aceitar tranquilamente que alguma coisa pudesse ser boa o suficiente sem a minha participação.

Naturalmente, essa última característica não constava no meu currículo profissional.

O centro cultural ficava na periferia de uma pequena cidade da região de Podláquia, na Polônia, entre um mercado e uma estrada que seguia em direção aos campos. Tinha escadas de madeira, um telhado que carregava várias décadas de história e um cheiro impossível de confundir com qualquer outro: poeira, tábuas antigas, tinta a óleo e chá que havia passado tempo demais em infusão. A luz de outubro entrava pelas janelas altas, iluminando o salão vazio que, dali a seis semanas, eu pretendia encher de moradores, música e conversas.

Eu já sabia até o nome do evento.

"Um Lugar para Nós".

Tinha o esboço do cartaz, uma programação preliminar e uma lista das pessoas que desejava convidar. Faltava apenas um detalhe fundamental: um salão que pudesse ser utilizado com segurança.

Empurrei com a ponta do sapato um pedaço de linóleo descolado e tirei o celular para fotografar. Na imagem apareceram o piso, uma faixa de luz e as botas de trabalho de alguém.

— É melhor não fotografar isso — ouvi uma voz dizer.

Levantei a cabeça.

O homem parado do outro lado do salão segurava uma pequena cantoneira de metal. Usava um suéter escuro com as mangas arregaçadas e uma calça manchada de pó de madeira. Notei os primeiros fios grisalhos em seus cabelos e, no rosto, aquela tranquilidade que, em pessoas acostumadas a trabalhar com as próprias mãos, às vezes transmite mais confiança do que o melhor dos ternos.

Ele não parecia alguém que estivesse esperando minhas instruções.

— Por quê? — perguntei.

— Porque, se a senhora quer mostrar o que precisa ser consertado, daí não vai conseguir enxergar o problema.

Ele se agachou junto a uma das tábuas e pressionou a madeira com o polegar. Ela cedeu com um estalo seco.

— O problema está aqui. Não onde o revestimento está se soltando.

Aproximei-me.

— O senhor é o responsável pela obra?

— Przemysław Dąb.

Ele se levantou e estendeu a mão. Seu aperto era firme, mas não parecia uma tentativa de demonstrar força.

— Nadia Ryś. Sou responsável pelo projeto.

— Eu sei.

— Como sabe?

Ele apontou com o queixo para os documentos espalhados sobre o parapeito da janela.

— Seu nome está em todas as folhas.

Dei uma risada breve.

— Gosto de manter tudo sob controle.

— Percebi.

Não soou como um elogio. Curiosamente, também não pareceu uma crítica.

Przemysław voltou a examinar o piso, enquanto eu o observava por alguns instantes além do que a educação recomendaria. Devia ter pouco mais de quarenta anos. Movimentava-se sem pressa, como se não precisasse provar nada a ninguém. Havia algo irritante naquela atitude, especialmente para uma mulher que já havia atendido dezessete telefonemas desde cedo e alterado o cronograma três vezes antes mesmo do almoço.

— Preciso de um orçamento até amanhã — anunciei.

— Até amanhã posso dizer o que é urgente.

— E o restante?

— Quando eu terminar de verificar a estrutura.

— Temos seis semanas.

— O piso não sabe disso.

Durante alguns segundos, ficamos nos encarando em silêncio.

— O senhor é sempre tão otimista?

O canto de sua boca se moveu discretamente.

— Quando se trata de madeira? Sempre.

Eu estava prestes a responder com alguma coisa igualmente sarcástica quando reparei em uma mesa antiga encostada na parede. O tampo estava coberto de arranhões, e uma das pernas era sustentada por um pedaço de tijolo. Sobre a superfície havia uma peça de madeira alisada por centenas de mãos.

— O que é isso?

Przemysław olhou na direção que eu indicava.

— Uma peça de jogo. Antigamente, alguns senhores mais velhos se reuniam aqui às quintas-feiras. Depois, outras pessoas começaram a aparecer. Alguém trazia bolo, outro trazia cartas. Dizem que às vezes ficavam conversando até tarde da noite.

— E pararam de vir?

— O salão começou a ter infiltrações. Depois surgiram outros problemas.

Ele pegou a peça de madeira e a colocou exatamente no mesmo lugar.

— Seria uma pena transformar isso aqui em um lugar bonito se, depois, as pessoas continuassem sem ter onde se sentar.

Aquela frase me fez parar com mais eficácia do que todas as suas observações anteriores sobre o piso.

Olhei para os meus documentos. Eu tinha tudo ali: o roteiro da inauguração, propostas de apresentações, parcerias com veículos de comunicação, um plano de divulgação. O que eu não tinha era uma resposta para uma pergunta muito mais simples: quem viria até aquele lugar numa quinta-feira qualquer, depois que as luzes fossem apagadas e os fotógrafos voltassem para casa?

— O evento foi pensado para atrair as pessoas — respondi.

— Acredito. Mas depois é preciso fazer com que elas queiram continuar vindo.

Não respondi imediatamente.

Do corredor veio o som de uma porta se fechando. Do lado de fora, o vento movimentou os galhos de uma velha tília. Przemysław se abaixou para recolher as ferramentas, e de repente senti uma vontade estranha de impedir que nossa conversa terminasse.

— O senhor tem alguma ideia? — perguntei.

Ele se endireitou.

— Para o salão?

— Para fazer as pessoas quererem voltar aqui.

Por um momento, ele me observou com atenção, como se tentasse descobrir se eu estava falando sério.

— Primeiro, é preciso perguntar a elas do que precisam.

— Já preparei um questionário.

— Mas a senhora conversou com alguém?

Apertei a pasta entre os dedos.

— Estou aqui há apenas duas horas.

— É um bom começo.

Ele disse aquilo com gentileza. Sem superioridade, sem qualquer satisfação por ter me contrariado. E foi justamente por isso que me senti inesperadamente exposta.

Normalmente, eu sabia como causar uma boa primeira impressão. Sabia quando elevar a voz, quando sorrir e como convencer alguém de que uma ideia que, minutos antes, lhe parecia arriscada era exatamente aquilo de que precisava. Perto de Przemysław, nenhum desses recursos parecia particularmente útil.

Meu celular vibrou. Uma mensagem de Marta apareceu na tela: "Não esqueça o material de divulgação. O patrocinador quer ver pessoas trabalhando".

Por reflexo, levantei o celular.

— Posso tirar uma foto sua? Para a documentação do projeto.

Przemysław olhou primeiro para o aparelho, depois para mim.

— Hoje não.

Abaixei a mão.

— Tudo bem.

Ele assentiu, como se aquela resposta fosse a coisa mais natural do mundo, e voltou a medir as tábuas.

O que me surpreendeu foi o quanto eu queria descobrir o que havia por trás daquela recusa. Não porque precisasse da fotografia. Eu queria compreender aquele homem que conseguira dizer "não" com tanta facilidade a uma mulher acostumada a encontrar uma solução para tudo.

Quando, alguns minutos depois, eu estava saindo pelas escadas de madeira, vi Przemysław aparecer à porta com a minha pasta nas mãos.

— A senhora esqueceu seu planejamento.

Ele me entregou os documentos, mas não se afastou imediatamente. Estávamos perto o suficiente para que eu percebesse o leve aroma de madeira recém-cortada impregnado em seu suéter.

— Obrigada.

— Senhora Nadia?

— Sim?

— Amanhã, venha sem a câmera.

Ergui as sobrancelhas.

— E o que devo trazer?

Ele olhou para o salão vazio.

— Tempo.

Fechou a porta antes que eu conseguisse responder.

Fiquei parada nos degraus, sentindo o ar frio no rosto e segurando a pasta contra o peito. Minha agenda estava organizada em compromissos marcados com precisão de quinze minutos. Eu não conseguia me lembrar da última vez que alguém havia me pedido tempo sem prometer absolutamente nenhum resultado em troca.

Olhei para a porta fechada.

Será que eu seria capaz de voltar ali no dia seguinte, não para organizar alguma coisa, mas para realmente permanecer ao lado de alguém?

Capítulo 1 - Condições que eu não havia previsto

Na manhã seguinte, cheguei ao centro cultural quinze minutos antes do horário combinado, com um copo de café descartável, meu notebook e a determinação de não permitir que ninguém me tirasse do sério daquela vez.

Deixei a câmera no carro.

Não foi um gesto particularmente heroico, mas me custou mais do que eu gostaria de admitir. Na minha profissão, registrar a realidade era quase um reflexo. Quando via uma luz bonita, pensava em uma fotografia. Quando alguém dizia algo emocionante, guardava mentalmente a frase que poderia aproveitar no material de divulgação. Eu era capaz de transformar até encontros casuais em histórias que, mais tarde, ajudavam a conseguir financiamento para novos projetos.

Naquela manhã, porém, pretendia escutar antes de qualquer outra coisa.

Przemysław estava perto da janela aberta do salão, inclinado sobre um esboço feito a lápis em um pedaço de papelão. Usava uma camisa cinza-clara com as mangas arregaçadas. Ao ouvir meus passos, levantou a cabeça e olhou para minhas mãos.

— Sem câmera — observou.

— Mas com café e argumentos.

— Os argumentos podem ser úteis. O café, por favor, coloque longe da madeira.

Afastei o copo e o deixei sobre o parapeito da janela.

— Bom dia para o senhor também.

Ele sorriu, dessa vez de maneira evidente.

— Bom dia, senhora Nadia.

Eu não sabia por que a maneira como pronunciou meu nome soou como se ele estivesse realmente contente com minha chegada. Talvez porque não tentasse ser excessivamente gentil. Olhava para mim sem pressa, com atenção, e depois voltava ao trabalho, como se presumisse que eu não precisava ocupar constantemente o centro de seu interesse.

Era agradável e insuportável ao mesmo tempo.

Espalhei os documentos sobre a mesa cuja perna instável continuava apoiada em um tijolo.

— Preparei um cronograma. Primeira semana: serviços de segurança e preparação. Segunda e terceira: reparos. Quarta: pintura e instalação dos equipamentos. Quinta: ensaios, organização do espaço e divulgação. Sexta: inauguração.

Przemysław se aproximou e examinou a folha impressa.

— E quando vamos descobrir o que precisa ser consertado?

— Na primeira semana.

— Então seu cronograma parte do princípio de que encontraremos exatamente a quantidade de problemas que conseguiremos resolver a tempo?

— Parte do princípio de que trabalharemos com eficiência.

— A madeira não segue cronogramas.

— As pessoas também não, mas, de alguma forma, consigo organizar eventos.

Ele me lançou um olhar que talvez contivesse um pouco de diversão.

— Deve ser interessante.

— O quê?

— Tentar organizar todas as pessoas.

Contive um sorriso.

— Não todas. Só aquelas que não leem minhas mensagens.

Przemysław se inclinou sobre a planta do salão e marcou três pontos com um lápis vermelho. Explicou que o piso precisava ser examinado junto à parede externa, onde a umidade havia penetrado durante anos. Parte das tábuas antigas poderia ser preservada, mas ele não pretendia prometer isso antes de retirar um trecho do revestimento. Uma das janelas não fechava corretamente, e as vigas de sustentação sob o palco também precisavam ser verificadas.

Eu escutava enquanto tentava converter suas palavras em dinheiro e dias de trabalho.

— Quanto tempo isso vai levar?

— Depende do que encontrarmos.

— Uma estimativa.

— Uma estimativa só será honesta depois da inspeção.

— O senhor sabe que essa frase leva produtores culturais ao desespero?

— Prefiro uma produtora desesperada a um convidado que enfie a perna pelo piso.

Não havia como discutir com aquilo.

Mostrei a ele a representação visual preparada pela designer. Paredes claras, fileiras de cadeiras, um pequeno palco, cordões de luzes delicadas e um enorme letreiro com as palavras "Um Lugar para Nós" pendurado sobre a entrada.

Przemysław examinou a imagem, mas deteve o dedo em outra questão.

— Onde vão ficar as mesas?

— Que mesas?

— Para os encontros. Jogos de cartas, costura, conversas, qualquer atividade de que as pessoas precisem aqui.

— Podemos colocá-las quando necessário.

— E onde vamos guardá-las?

Abri a boca e depois a fechei.

Eu não havia previsto aquilo.

Przemysław tirou uma trena do bolso, estendeu-a e apontou para um nicho junto à parede lateral.

— Podemos fazer tampos dobráveis. Bancos também. O salão não precisa parecer um auditório o tempo inteiro.

— Mas, durante a inauguração, precisamos acomodar cem pessoas.

— E nos outros trezentos dias?

Apoiei as mãos na cintura.

— Não pretendo deixar um salão vazio depois que o projeto terminar.

— Então me permita projetá-lo de uma maneira que continue sendo útil depois.

Fiquei em silêncio.

Não porque me faltassem respostas. Eu tinha várias, todas razoáveis e sustentadas pela minha experiência. Mas, de repente, percebi a diferença entre nossas maneiras de pensar. Eu imaginava o salão cheio de pessoas em um único momento perfeitamente planejado. Ele o enxergava em uma terça-feira comum, quando três pessoas aparecessem querendo se sentar à mesma mesa.

— O que o senhor propõe? — perguntei.

— Duas condições.

— Estou ouvindo.

— Primeiro, nenhum serviço será acelerado se isso comprometer a segurança. Segundo, não vou instalar decorações que atrapalhem o uso do salão depois.

Ergui as sobrancelhas.

— E se o patrocinador exigir essas decorações?

— Que o patrocinador venha retirá-las depois do evento.

Comecei a rir antes que pudesse me controlar.

Przemysław me observou por um instante e depois também sorriu. Não foi um sorriso largo ou ostensivo, mas um breve momento de descontração que transformou completamente seu rosto.

— O senhor realmente não gosta de fazer concessões — comentei.

— Gosto de bons acordos.

— E quem decide quais acordos são bons?

— Podemos decidir juntos.

Aquela última frase soou diferente de nossas provocações anteriores. Era uma proposta, não um desafio.

Antes que eu respondesse, uma mulher usando um suéter azul-marinho entrou no salão, carregando uma sacola de pães e uma garrafa térmica grande. Apresentou-se como Helena Wysocka, diretora do centro cultural. Cumprimentou Przemysław com evidente carinho e apertou minha mão com tanta energia que quase deixei minha caneta cair.

— Ainda bem que vocês se encontraram — disse ela. — Porque já não tenho forças para explicar a cada um, separadamente, que não se trata apenas de fazer uma inauguração bonita.

Olhei para ela.

— Todo mundo aqui acha que quero organizar apenas uma inauguração bonita?

Helena refletiu por um momento.

— Não. Mas sua apresentação tem muitas fotografias.

Przemysław se virou para a janela.

Eu tinha quase certeza de que ele estava sorrindo.

Sentamo-nos ao redor da garrafa térmica, e Helena começou a nos contar sobre os moradores que costumavam se reunir ali regularmente antes do fechamento do salão. Falou da senhora Zofia, que ensinava crochê às crianças. De dois professores aposentados que organizavam noites de xadrez. De um grupo de mulheres que desejava promover encontros de leitura, mas não tinha onde distribuir as cadeiras.

Eu fazia anotações. No começo, por hábito profissional; depois, movida por uma curiosidade cada vez mais genuína.

— Quando aconteceu o último encontro desse tipo? — perguntei.

— Há quase dois anos — respondeu Helena. — Primeiro fechamos uma parte do salão, depois o espaço inteiro. Durante algum tempo, as pessoas perguntavam quando tudo voltaria ao normal. Depois pararam de perguntar.

Przemysław olhou para a pequena peça de madeira que estava sobre a mesa.

— É justamente por isso que não quero fazer um serviço de qualquer jeito — disse ele.

Helena assentiu, e por um instante me senti desconfortável. Não porque alguém estivesse me acusando de alguma coisa. Simplesmente porque, pela primeira vez, senti o peso daquele lugar de uma maneira diferente daquela determinada pelo orçamento.

Depois do café da manhã, começamos a inspeção. Przemysław me mostrou onde eu poderia ficar em segurança enquanto ele levantava uma parte do revestimento antigo. Retirou algumas tábuas, revelando madeira mais escura por baixo. O cheiro de umidade se misturou à poeira, e me agachei ao lado dele para enxergar melhor a estrutura.

— Esta viga precisa ser substituída — explicou. — Mas o restante talvez ainda possa ser aproveitado.

— Então a situação não é tão ruim?

— Não foi isso que eu disse.

— O senhor consegue acabar com a esperança de uma pessoa usando uma única frase.

— Em compensação, não vendo falsas esperanças.

Olhei para ele de perto. Havia uma pequena cicatriz junto à sobrancelha esquerda e olhos claros que não fugiam dos meus. Em seu pulso, percebi uma marca deixada por uma queimadura antiga. Ele notou meu interesse, mas não comentou.

— Posso ajudar? — perguntei.

— Pode segurar a lanterna.

— Estudei gestão cultural e agora fui promovida a assistente de lanterna.

— É um cargo de muita responsabilidade. Por favor, não aponte a luz para os meus olhos.

Trabalhamos em silêncio durante uns quinze minutos. Havia algo surpreendentemente agradável naquilo. Eu não precisava manter uma conversa nem provar que era competente. Bastava seguir instruções simples, observar e perguntar quando não entendia alguma coisa.

Quando finalmente nos levantamos, Przemysław sacudiu a poeira das mãos e me entregou um pano limpo.

— Você está com poeira na bochecha.

Esfreguei o rosto por reflexo.

— Agora do outro lado — observou.

Suspirei.

— Por favor, não ria.

— Ainda não estou rindo.

Ele estendeu a mão, mas interrompeu o movimento no meio do caminho.

— Posso?

Durante um segundo, observei sua mão.

— Pode.

Com delicadeza, limpou a faixa de poeira da minha bochecha usando a ponta do pano. Foi um gesto breve e perfeitamente prático. Mesmo assim, percebi o calor de sua mão e a rapidez com que se afastou, restabelecendo entre nós uma distância educada.

Ele não tentou prolongar o momento.

Eu, por outro lado, pensei que poderia ter prolongado.

O telefone tocou antes que eu conseguisse dizer alguma coisa sensata.

Marta.

Atendi enquanto me afastava alguns passos.

— Tenho uma boa notícia — anunciou. — O patrocinador aprovou o valor preliminar. Mas quer material de divulgação mostrando o andamento da obra. De preferência, com o responsável pelos serviços. Podemos contar a história do homem que devolve a vida a um lugar antigo.

Olhei para Przemysław. Ele estava encostando a trena no batente de uma porta, concentrado no trabalho.

— Preciso conversar com ele sobre isso — respondi.

— Claro. Mas tente convencê-lo. É uma história excelente.

Depois de desligar, permaneci imóvel por alguns instantes. Sabia como seria fácil convencer alguém de que algumas fotografias não representavam problema algum. Também sabia que Przemysław já havia recusado uma vez.

Voltei até a mesa.

— Conseguimos financiamento para a primeira etapa — informei. — Desde que apresentemos um orçamento detalhado.

— É uma boa notícia.

— Há também a questão da divulgação. O patrocinador gostaria de mostrar a pessoa responsável pela reforma.

Przemysław recolheu lentamente a trena.

— Não.

— Eu não pretendia tentar convencê-lo. Só queria explicar a situação.

— Nesse caso, explicou com muita clareza.

Observei-o atentamente.

— O senhor não quer ser fotografado ou não quer fazer parte do projeto?

— São duas coisas diferentes.

— Eu sei. Por isso estou perguntando.

Ele deixou a trena sobre a mesa.

— Quero consertar o salão. Não quero participar da história que será contada sobre como estamos consertando o salão.

— Às vezes, essas histórias ajudam a conseguir recursos.

— Eu entendo. Mas meu rosto não precisa fazer parte delas.

Não respondi de imediato.

Ele continuava calmo, mas percebi uma mudança em sua voz. Não se tratava de uma simples aversão a fotografias. Falava como alguém que já havia precisado explicar algo

semelhante no passado e não pretendia repetir aquela conversa.

— Vou respeitar sua decisão — respondi.

Przemysław me observou por alguns instantes.

— Obrigado.

Fiquei surpresa com o prazer que uma palavra tão simples me proporcionou.

À tarde, apresentei a Helena a nova proposta de organização do salão. Menos fileiras fixas de cadeiras, mais elementos móveis, espaço para mesas dobráveis e uma pequena área que poderia ser utilizada independentemente do palco. A diretora escutava com interesse crescente.

— Isso realmente poderia funcionar — disse ela.

Przemysław estava perto da porta.

— Desde que consigamos dinheiro para os materiais adequados.

— Vamos conseguir — respondi.

Ele olhou para mim.

— Desta vez, acredito que você vai tentar.

Não soube dizer se aquilo era um elogio ou um aviso.

Enquanto recolhia os documentos, ele se aproximou.

— Amanhã vou chegar mais cedo. Quero verificar as vigas restantes.

— Estarei aqui às oito.

— Não precisa.

— Eu sei.

Durante um instante, ele me observou como se aquela resposta fosse a coisa mais interessante que havia escutado durante todo o dia.

— Então até amanhã, Nadia.

Pela primeira vez, deixou de usar o tratamento formal.

Percebi imediatamente.

E, com a mesma rapidez, compreendi que estava esperando pelo dia seguinte não apenas porque a reforma finalmente começava a tomar uma forma razoável.

Capítulo 2 - Um Lugar à Mesa

No terceiro dia, cheguei ao centro cultural com duas decisões que não pretendia mudar. A primeira dizia respeito ao projeto: o salão deveria servir aos moradores também depois da inauguração oficial. A segunda era mais pessoal e consideravelmente menos sensata: eu queria conhecer Przemysław Dąb fora do horário de trabalho.

Ainda não sabia o que faria com aquela segunda decisão.

A primeira, porém, pretendia colocar em prática imediatamente.

Helena havia preparado para nós uma pequena sala nos fundos, onde poderíamos espalhar os documentos sem correr o risco de cobri-los de poeira. Sobre a mesa havia uma chaleira elétrica antiga, três canecas diferentes e um prato de biscoitos amanteigados. Pela janela, era possível ver o jardim, onde folhas molhadas cobriam um caminho estreito.

Przemysław trouxe o orçamento.

Era preciso, organizado e não deixava muito espaço para o otimismo.

— Tudo isso? — perguntei, encarando o valor final.

— É o custo dos materiais e da mão de obra. Sem enfeites.

— Justamente os enfeites eram a parte mais barata.

— Geralmente são. Até chegar a hora de consertar aquilo que escondem.

Suspirei, mas, em vez de iniciar outra discussão, abri a planilha de orçamento.

Durante a hora seguinte, analisamos cada item. Abrimos mão de parte dos equipamentos que poderiam esperar. Combinamos que os bancos de madeira seriam feitos com material recuperado da reforma, caso suas condições permitissem. Przemysław propôs uma solução mais simples para o aproveitamento do nicho, e eu encontrei recursos para reforçar a proteção das janelas.

Trabalhávamos surpreendentemente bem juntos quando deixávamos de tratar cada frase como um convite para um duelo.

— Agora precisamos estabelecer algumas regras — anunciei, deslizando uma folha em branco na direção dele.

— Achei que era exatamente isso que estávamos fazendo.

— Estamos definindo os custos. As regras são outra coisa.

Ele se acomodou melhor na cadeira.

— Estou ouvindo.

— Todas as mudanças que afetarem o orçamento precisam ser discutidas antecipadamente. Eu respondo pelo financiamento e pela organização; o senhor, pelos aspectos técnicos e pela segurança. Nada de tomar decisões pelas costas um do outro.

— De acordo. E nada de prometer prazos aos patrocinadores sem me consultar.

— Posso prometer a data do evento.

— Pode. Mas não pode prometer que o piso estará pronto antes do tempo necessário para executar o serviço corretamente.

Anotei a observação.